

ReDCen – Revista Discurso em Cena

ALENCAR, Claudiana Nogueira de; GOMES, Emanuel Pedro Martins. Problemas do consórcio Realismo Crítico / Análise do Discurso Crítica para a análise social do discurso: sociopolitizando a postura crítica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 23, n.2, p. 511 – 533, 2015.

Resenhado por Wellington Pedro da Silva¹
Instituto Federal de Brasília – Campus Ceilândia
wellpedro13@gmail.com

Claudiana Nogueira de Alencar atua como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, vinculada à linha de pesquisa “Estudos Críticos da Linguagem”. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE (2010 – 2013) e Pró-Reitora de Extensão da UECE (2014 – 2016). Possui diversos estudos ligados à perspectiva pragmática, tendo publicado, em 2009 e 2014, os livros *Linguagem e medo da morte: uma introdução à Linguística Interacionista* pela EdUECE e *Nova Pragmática: modos de fazer, organização* em coautoria pela Cortez.

Emanuel Pedro Martins Gomes é mestre e doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, possui trabalhos voltados para temas de escândalo político, discurso, filosofia da linguagem, análise de discurso crítica e teoria política e social crítica.

Passando ao texto, o caminho tomado para a sua construção está na posição que os autores assumem com relação ao que nominam como “ênfase exagerada” de aspectos do Realismo Crítico de Roy Bhaskar e, que de certo modo, fundamenta a Análise Crítica de Discurso proposta por Norman Fairclough. Esse fator motiva o que configura-se como o principal objetivo apontado pelos autores, qual seja destacar o que consideram como alguns problemas da postura de analistas do discurso que tomam a explanação teórica de um discurso como desmistificadora da impressão empírica que este nos oferece.

Para alcançar o objetivo proposto os autores apresentam um panorama geral do Realismo Mágico ao mesmo tempo em que destacam os pressupostos que são compartilhados pela ADC problematizando esse consórcio para a análise social. Esse processo é dividido em seis seções, incluindo as considerações finais. Caminham para o entendimento que os fenômenos discursivo-sociais são sempre um ato discursivo socialmente, politicamente e

¹ Professor da licenciatura em Letras Espanhol do Instituto Federal de Brasília. Graduado em Letras Português Espanhol pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e doutorando em linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL da Universidade de Brasília – UnB.

ideologicamente valorados, que os critérios causais estão relacionados aos eventos sociais e as formas científicas adotadas com o intuito de explica-los.

A chamada “virada linguística” apresenta um paradigma filosófico-metodológico responsável por evidenciar a linguagem de forma central nas discussões filosóficas. A “virada pragmática” surge posteriormente, desde o século 19, desenvolvendo discussões para o papel mais central à linguagem na formulação do conhecimento humano. A primeira está vinculada ao surgimento da filosofia analítica, a segunda, possui relação às discussões em torno da linguagem ordinária. Este é o esteio teórico e epistemológico apresentados pelos autores na primeira seção intitulada “Situando o ponto de partida”.

Por meio de reflexões dos estudos de Ludwig Wittgenstein e John Austin, pensadores da “virada pragmática” na filosofia da linguagem, é construído o local de fala dos autores, ou o que chamam de ponto de partida. Alencar e Gomes apontam que Wittgenstein será responsável por desconstruir o pensamento “de que a linguagem tem como função representar, figurar a realidade” e apresenta a visão de que a crença filosófica de que todos os usos possíveis da linguagem têm por única função reportar-se a objetos e que essa referenciação nada mais é que “um tipo de jogo de linguagem, entre inúmeros outros”.

A noção de “jogo de linguagem” questiona o pressuposto da ADC da linguagem vista somente como um elemento das práticas sociais podendo ou não internalizar outros elementos, não linguísticos. Wittgenstein não desvenda a fronteira do linguístico e não linguístico e os mesmos podem compor uma mesma atividade ou ação e devem ser considerados conjuntamente.

Já o pensamento de Austin está voltado para a performatividade, o que faz perceber a linguagem como uma ação. Ambos os pensadores da “virada pragmática” partem do pressuposto de que a filosofia analítica é problemática ao acreditar na existência de enunciados que fossem somente descritivos do estado das coisas no mundo. Austin aponta que a linguagem não irá descrever as coisas do mundo, mas irá, antes de mais nada, agir sobre o mundo e as pessoas. Dessa forma, os dois pensadores direcionam o olhar para a linguagem como uma construção social demandando uma postura mais crítica concernente à pesquisa social e linguística sobre o discurso.

A segunda seção apresenta o que os autores consideram como “Problemas do consórcio análise do discurso crítica / realismo mágico”, destacam o papel da ADC como uma abordagem inovadora para a análise social dos discursos, uma vez que, a mesma, por meio de um quadro analítico mais apropriado à pesquisa científica social, confere ao discurso relevância nas

práticas sociais pois agrega a análise linguisticamente orientada com o pensamento social crítico.

No entanto, questionam se o valor epistêmico das análises sócio-discursivas teórico-metodologicamente referenciadas pela ADC as poria em um lugar de privilégio e modos mais claros e profundos de observar os fenômenos sociais. Seguindo essa abordagem Alencar e Gomes questionam se essa explanação científico-teórica do objeto pesquisado apresenta alguns problemas sociais e políticos capaz de afetarem tanto a pesquisa como a relevância social do analista.

Assim, os autores afirmam que essa postura analítica em ADC origina o consórcio com a filosofia do Realismo Transcendental de Roy Bhaskar e apresentam uma questão basilar para a condução das discussões propostas e diretamente relacionada aos possíveis problemas apresentados, a partir da filiação da ADC ao RC, na condução em pesquisas social crítica. Problemas que estariam relacionados ao que os autores chamam de “exageros pactuais” com aspectos do RC de Bhaskar.

A autora e o autor situam o leitor a partir de um ponto de partida na construção de um local discursivo que perpassam questões da virada pragmática, situando como a linguagem é abordada em pesquisas da ADC e problematizam o consórcio da ADC e do realismo crítico de Bhaskar. Vale ressaltar a construção de um terreno fértil para as discussões seguintes, uma vez que a próxima seção intitulada “O realismo crítico ou transcendental de Roy Bhaskar” debruça-se no modo como se caracteriza o realismo bhaskariano para então abordar, posteriormente, o objetivo inicial do texto de “destacar alguns problemas da postura de analistas do discurso que tomam a explanação teórica de um discurso como desmistificadora da impressão empírica que este nos oferece” (ALENCAR; GOMES, 2015, p. 511).

A ideia de que há algo que irá existir no mundo independentemente de nós perpassa o entendimento do que seja o realismo, na filosofia. A objetividade, a falibilidade ou falsibilidade, a transfenomenalidade e a contrafenomenalidade são elementos presentes no realismo e que, segundo os autores, constitui o caráter crítico da ADC nas práticas sociais estudadas e a construção “de uma ciência social profunda que irá abordar a ratificação da dimensão ontológica e transcendental do real”.

Na filosofia bhaskariana do realismo crítico é necessário distinguir o real, o realizado e o empírico como domínios da realidade e também uma ontologia estratificada do mundo. Esses são os apontamentos desenvolvidos pelos autores na terceira seção intitulada “O realismo crítico ou transcendental de Roy Bhaskar”.

Os autores apresentam o conceito do realismo crítico cunhado por Bhaskar para, na sequência, relacionarem “Questões do realismo crítico transcendental em ADC”, passando desde o critério causal na atribuição da realidade ou na reafirmação ontológica do real por meio da dimensão intransitiva até do entendimento da dimensão ontológica da realidade como um sistema aberto.

Assim, seria o mundo ou a dimensão ontológica da realidade abertos e composto por vários estratos capazes de influenciarem um evento, sendo a linguagem um dos elementos participantes desse evento capaz de codeterminar e alterar a realização de um evento. O critério causal é desenvolvido a partir das discussões de David Hume que estabelece a constituição da experiência nas projeções dos sujeitos nas ações e relações cotidianas possibilitando o entendimento da linguagem como caminho na constituição e performatização da experiência. Essa compreensão é negada por Bhaskar mas, no campo da filosofia analítica, é retomada pela “virada pragmática”.

Será esse entendimento pragmático da linguagem e da experientiação responsável pelo questionamento do “progresso científico” discutido por Alencar e Gomes nas seções iniciais e que busca cada vez mais a compreensão de conexões causais e geradoras de eventos sociais, nas palavras dos autores “até que ponto é metodológica e epistemologicamente adequado acreditar, mesmo que analiticamente, numa ação que pode ser linguística, discursiva, e numa ação não linguística?”.

A perspectiva realista crítica parte da noção de estratificação da realidade, causadora de efeitos em outros estratos. Esse entendimento deixa de considerar a realidade como um mundo suposto de referências possíveis. Nesse aspecto que reside a maior crítica dos autores no problema do consórcio RC e ADC para a análise social do discurso, uma vez que buscam, de forma explanatória, “explicar, da forma mais adequada possível, eventos com base na identificação dos mecanismos causais que a eles mais profundamente subjazem e geram, o que reforça a crença em um mundo real, objetivo com referências, objetos fixos que podemos revelar cientificamente” (ALENCAR; GOMES, 2015, p. 525).

A quinta seção, intitulada “*Quo vadis?*” é a que encerra o artigo. Nesta seção os autores apontam que a pesquisa social tem de ser emancipatória apresentando uma proposta para “o domínio analisado e para novas relações sociais nele presentes” e não atuando no estabelecimento de uma nova verdade por meio dos resultados analíticos obtidos. As possibilidades de falha do RC no processo de explicação da realidade estão no fortalecimento

da ideia do esgotamento dos poderes causais por meio de informações ou abordagens com o intuito de desvelar de forma profunda a natureza das coisas.

A crítica apresentada pelos autores está no processo de pesquisas orientadas pelos princípios do RC partindo do empírico ao real. Essa operacionalização na ADC pode causar uma reificação dos usos sociais da linguagem, onde reside o problema do consórcio do RC e da ADC, uma vez que a defesa de uma dimensão intransitiva do conhecimento “pode levar a um posicionamento em relação ao texto, discurso, de desvelamento, como se a linguagem participasse de um evento sócio-discursivo para esconder uma possível realidade “por trás” ou “além” da “aparência textual” (LENCAR; GOMES, 2015, p. 526).

A questão para Alencar e Gomes não está no processo de discordar que, em relação ao RC e à ADC, o sistema semiótico seja aberto, mas em reconsiderar se é possível acessar criticamente, por meio das relações dos agentes, às causas subjacentes de um evento. Alguns pesquisadores que assumem os pressupostos do RC acabam por criarem confusões na crença da percepção causal dos eventos discursivos é a realidade intransitiva ou até mesmo na ideia de que a ontologia do real não é uma epistemologia “actual”.

Por meio das reflexões de Wittgenstein e Austin as discussões propostas por Alencar e Gomes assumem o caráter performativo e antiessencialista da linguagem em análise de discurso, no entendimento do que é desenvolvido pelo analista também é linguagem num processo de performatização do real. Conferindo ao discurso seus valores sociais, políticos e ideológicos por meio dos fenômenos sociais. Ou seja, “qualquer que seja a compreensão dos “poderes causais”, ela será sempre discursiva”.

Os autores consideram que a “adoção das premissas do RC via ADC é que reduz qualquer perspectiva que acene com certa simpatia para um antiessencialismo ou socioconstrutivismo em linguagem (ALENCAR; GOMES, 2015, p. 529). Dessa forma, eles propõem outro caminho que seja menos comprometido com o viés ontológico e epistemológico do que é ou pode ser o mundo, mas que considerem os efeitos que socialmente irão constituir as realidades possíveis.

Desse modo, é possível dizer que essa abordagem em pesquisas que adotam a ADC teórica, analítica e metodologicamente em uma perspectiva dos efeitos constituintes dessa realidade é a grande contribuição dos questionamentos apresentados por Alencar e Gomes, pois faz com que possamos refletir nossa prática analítica como sujeitos atuantes no mundo social nas nossas próprias práticas investigadoras assumindo o caráter compulsório da linguagem na constituição do mundo e mundos possíveis.

Como citar esta resenha:

ALENCAR, Claudiana Nogueira de; GOMES, Emanuel Pedro Martins. Problemas do consórcio Realismo Crítico / Análise do Discurso Crítica para a análise social do discurso: sociopolitizando a postura crítica. Resenha de: SILVA, Wellington Pedro. *ReDCen*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 73-77, 2017.